

A Excitação do Ódio – O Massacre do Outro ¹

Camila Salles Gonçalves ²

Quando recebi o convite, honroso e desafiador, para participar deste colóquio, entendi que propunham minha fala enquanto *filososofoante*, ou seja, a partir de uma visão teórica.

Em minha disposição para ir em busca de modo expressão do ódio, pensei nas tragédias de Shakespeare, nas tragédias gregas, na tragédia francesa de Corneille, com as imprecensões de Camille. Esta personagem faz um magnífico discurso de ódio, contra o irmão, que salvou Roma matando seu amado, na luta entre Horácios e Curiácios. Mas também me lembrei da fúria de Macbeth, desencadeada pela ambição e pela rivalidade, evoquei o ódio assassino de Otelo, movido pelos ciúmes, recortei a imensa dor narcísica de Ricardo III, o disforme, que diz odiar os prazeres de sua época, voltados para a beleza, e ter escolhido ser um vilão, retomei o horror da vingança que explode no *pathos* odiento de Medeia, que mata os próprios filhos. Em meio a estas elucubrações, tratando-se de minha participação em um encontro que abrangia a clínica psicanalítica, eu não deixava de pensar em um certo analisando. Conversando com os colegas organizadores deste evento, foi-me dito que eu poderia sim, falar a respeito da clínica, se quisesse. Começo, então, por uma mínima vinheta:

Interesses escusos

Vinte e poucos anos, estudante universitário, bem arrumado, desesperado. Queixas do escritório em que trabalha, dos pais, dos amigos que não consegue manter. Aos poucos, queixas dos encontros sexuais que o frustram. Aos poucos, dos psicanalistas e de mim, que o atendo “por interesses escusos”. Esta frase torna-se um estribilho, em geral, quando quer muito que eu dê alguma opinião a respeito das impressões que tem sobre um parceiro ou sobre seu método de estudo, que muitos criticam, mas que ele *sabe* que é o melhor. Tem dificuldade para se concentrar. Vou sinalizando, de várias formas, que nada tenho a dizer *contra* o que faz. Passa a falar bastante, descreve tudo o que o desagradou no parceiro

¹ Este trabalho foi apresentado na mesa “A excitação do ódio: o massacre do outro” com Vera Regina Fonseca Jardim no I Simpósio Bienal “O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

² Doutora em Filosofia pela FFLC USP e psicóloga pela PUCSP, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, coordenadora de resenhas da revista Percurso.

eventual, o cheiro, o hálito, os gestos. Relata as frustrações nas festas e nos bares gays, as conversas dos amigos, bobas ou maldosas ou ridículas, a falta de jeito dos que vêm abordá-lo quando consegue ser “paquerado”. Faço perguntas e assinalamentos que, às vezes, o levam a admitir que foi chamado para ir aos lugares, que falaram com ele, que tentaram atrair a sua atenção. Fica animado, conta mais. Os ambientes que traz na narrativa ficam mais iluminados, relaxa. Às vezes, até damos risada. No fim da sessão, faz meu auxiliar, que abre o portão da garagem, esperar, enquanto demora no lavabo. Deixa o tapete e a toalha amarfanhados, o sabonete torturado. É preciso arrumar tudo, antes da próxima sessão. Ataque a mim, a quem me auxilia e, portanto, me representa? Ao próximo analisando?

Um dia diz que não virá mais, que o pai não quer mais ajudá-lo a pagar porque acha que não está *adiantando* e porque ele crê que não vale mesmo a pena continuar. Nesse dia, não me acusa de atendê-lo por “interesses escusos”. Espero, deixo que fale. Queixa-se bastante e espera minha resposta. Digo que pode parar a análise comigo quando quiser, mas que, a meu ver, precisa fazer análise e que pode procurar outro analista. Apenas observo que pode aproveitar mais suas sessões, se não perder tempo xingando o analista.

Entra em estado de choque: - Eu? Como?

Como se não fosse com ele. Acredito que ele acreditasse que eu nada podia fazer em relação a seu estribilho “interesses escusos”. Em parte, teria razão. Tomei em consideração, mas, antes, nunca encontrei um momento psicanaliticamente oportuno para mencioná-lo. Acho que ao fazê-lo, então, favoreci uma ruptura de campo. Neguei a negação. Lembro-me de “A Negação”, por Freud, quando o paciente nega de modo preventivo que quer dizer algo ofensivo ou diz: “O senhor perguntar quem pode ser a pessoa do sonho. Minha mãe, é não é”(Freud,1993, vol. XIX, p.253) E Freud insiste: “Então é a sua mãe”(Freud,1993, vol. XIX, p.253). Afirmei, para o meu analisando, que ele me xingava. Talvez eu tenha tocado em algum tipo de *cisão* ou *clivagem*, já que soltava o estribilho e continuava a falar como se não o tivesse pronunciado.

Não fiz uma interpretação por extenso. Ele me falara da ludoterapia que fizera quando criança, que os pais procuraram para que deixasse de ser gay. Penso que queria fazer análise para escapar ao desamparo e que queria me atacar quando me punha no lugar de uma terapeuta praticante de “cura gay”. Tenho convicção de que queria fazer análise. Mas fazia

questão que o pai pagasse, para vingar-se da rejeição e para ter o prazer de enganá-lo, pois não tinha a menor intenção consciente de deixar de ser gay. “Interesses escusos” teria eu. Por ser sua cúmplice? Ou por, no fundo, estar tentando curá-lo de ser gay? Creio que esta fantasia paranoica ia e voltava. Depois da conversa sobre interrupção, continuamos.

O estribilho sobre “interesses escusos” desapareceu. Tanto quanto posso saber, não me irritava, não me dava raiva. Havia mais curiosidade, no sentido de eu me perguntar se surgiria alguma associação falada imediata com os tais interesses. Mas senti, de modo efetivo, o ódio na transferência, no dia em que fui eu quem abriu o portão para que ele entrasse com o carro. Ele tinha tocado a campainha, estava em pé, ao lado do carro. Quem abre o portão precisa abaixar-se um pouco (não muito), para levantar um pino, que encaixa no chão. Ao me olhar fazendo isso, sua expressão de gozo sádico, para mim, foi inequívoca. Gozo impune, olhando de cima.

Na oportunidade seguinte, pedi-lhe que fizesse o favor de levantar o pino porque eu tinha operado o joelho (era verdade) e não devia dobrá-lo. Atendeu imediatamente, com seu sorriso oficial de moço bem educado. Encerraram-se nossas atuações. Se vez ou outra os movimentos com o portão faziam-se necessários, estavam neutralizados pela rotina.

A análise prosseguiu, com outros momentos que caberia comentar, se isto fosse um relatório clínico e se o assunto aqui não fosse o puro ódio desconcertante. Carreguei a inquietação narcísica para uma supervisão que foi esclarecedora e voltei para o artigo insuperável de Winnicott.

O artigo intitulado “Ódio na Contratransferência”(Winnicott,1978, p.341) ensina-nos, a nós analistas, que o ódio pode sim, estar no analista que, por sua vez, pode ter condições de não atuar movido por ele. Onde vai parar esse ódio? Winnicott me faz pensar que aquele que o despertou pode receber alguma sinalização a respeito do que fez, mas só quando está em condições. Estou me referindo a atitudes que despertam o ódio e que podem ser descritas. É claro que há projeções e demais mecanismos inconscientes, para além do que pode ser descrito. O analista poderia apontar no que vê e acertar no que não vê. Mas penso que não cabe ao analista apontar o ódio. Cabe a ele esperar. Esperar saída para o ódio que ele, analista de veras sente? Não acredito em saída, mas em reflexão.

O que sei eu sobre os modos pelos quais o ódio se expressa?

Inspiro-me em Freud, em seu recurso a Shakespeare e a outros escritores, e em J.B. Pontalis, que, para diferenciar tipos de dor, optou por dar palavra à literatura e citou um conto de J. M. G. Le Clézio (Pontalis, 1977, p.262). Volto às tragédias.

No *pathos*, (ou catástrofe) da Medeia de Eurípedes, o ódio, que causa horror em sua explosão, está na ação *que faz tremer*, em que a personagem é agente sabedora, um dos exemplos comentados por Aristóteles. Não encontro ódio no Édipo de Sófocles, nem em minha leitura, nem nos comentários do filósofo. Aristóteles menciona Édipo como representante de uma ação na qual o agente a executa “sem conhecimento do que há de malvadez nos seus atos, e só depois se revela o laço de parentesco”(Aristóteles,1993,p.75).

Folheei um pequeno livro, que pode ter sido um *best seller* na década de quarenta, cujo título é *As Origens do Amor e do Ódio*, de Ian D. Suttie. Parece que já havia, na época, pretensas refutações de Freud, fundamentadas por leituras equivocadas. Os esforços do autor vão no sentido de criar uma teoria segundo a qual o ódio, como sentimento primordial na espécie humana, é eliminado e tem sua origem justificada quando a mãe recusa amor *à criança*. É claro que esta *criança* é construída por algumas afirmações dogmáticas, que não vale a pena reproduzir.

Achei outra velharia, o *Cain - O Cainismo na História universal*, de L. Szondi, que se dispõe a substituir o mito de Édipo pela lenda bíblica de Caim e Abel. Seria o ódio inseparável do tornar-se sujeito, a relação fundante? Ou, como está na moda dizer, faria parte dos *processos de subjetivação*?

O autor apresenta uma pesquisa erudita sobre as várias versões da lenda. Afirma ter fundado, em 1937, uma “Psicologia do Destino”. Declara que não importa se Caim ou Moisés existiram ou não, que são apenas símbolos do destino e que seu trabalho de pesquisa serve para tornar compreensível a tese segundo a qual Caim continua vivendo, *entre nós e em nós*. Conclui: “A Psicologia do Destino é da opinião que a natureza Caim no homem não se pode eliminar porque se baseia em uma predisposição-raiz congênita em um radical especial”(Szondi, s/d, p.50). Os radicais são fatores e L.Szondi pretendia que suas análises, segundo a combinação de fatores que definiu, sanassem a insuficiência de diagnósticos psiquiátricos. Também curioso, nesse autor, é que leu Freud, Ana Freud e Melanie Klein. Um

exemplo do que faz em relação a estes é contrapor às ideias de Melanie Klein, depois de criticá-las a seu modo, “a tendência de valia ilimitada”(Szondi, s/d, p.135) de Caim, isto é, uma tendência a exigir ser valorizado acima de tudo e de todos.

Os dois livros têm, para mim, o efeito de paródia, ou seja, revelam as enormes proporções e controvérsias que a intenção de capturar e expor o que é o ódio podem assumir, ao mesmo tempo em que apagam ou anulam os esforços empregados.

Em “Predisposição à neurose obsessiva”, de 1913, Freud cita observações de E.Jones sobre relações entre ódio e erotismo anal. É claro que aplicar observações ao caso de meu analisando ou a qualquer outro seria a pior espécie de psicanálise selvagem. Freud cita também a neurose obsessiva e a tese de Stekel, segundo a qual o ódio seria, “na série do desenvolvimento, o precursor do amor”(Freud,1993,vol.XII, p.345). A meu ver, o que vale destacar agora é o modo pelo qual Freud vai tateando a presença do ódio nas neuroses. Em “Pulsões e destinos de pulsão”, de 1915, ele afirma: ” O ódio é, enquanto relação com o objeto, mais antigo do que o amor; brota da repulsa primordial que o eu narcisista, no começo, opõe ao mundo exterior pródigo em estímulo”(Freud,vol.XIV,1933, p.133). E, no final, fala do caráter erótico, que o ódio pode assumir e dos mecanismos por meio dos quais isto ocorre. Em “Além do Princípio do Prazer,de 1920, Freud revê a teoria das pulsões e define *Eros (amor)* a pulsão de vida, pulsão que une, e (*Thanatos - morte*), pulsão de morte, que impele para a volta ao inanimado). Mas o ódio não aparece como simples sinônimo de pulsão de morte, como quis entender o autor de *As Origens do Amor e do Ódio*.

Em “O Ego e o Id” , de 1923, o *ódio* é considerado um *Vertreter* , um *representante* da pulsão de morte, que atua no jogo da ambivalência, na dinâmica da mobilidade dos *investimentos* de afeto (*Besetzungen ou catexias*). Ou seja, na energia afetiva que depositamos em nossas relações, cujas polaridades são amor e ódio, há diversas *misturas*. O ódio *representa* ou *substitui* o ímpeto de fazer um outro, ou uma parte minha, desaparecer, *tornar-se inanimada*. Pode, sim, acontecer na transferência. Como *Ímpeto de massacrar*? Não necessariamente. Mas pode ocorrer como ímpeto de massacrar, trucidar etc. em quaisquer fantasias, às vezes conscientes, com frequência, inofensivas. Não vou falar do campo das fantasias, que é um outro capítulo.

Em “Além do Princípio do Prazer”, texto complexo, entendo que Freud não dá o assunto por encerrado. Mas pergunto: se levamos em consideração a ambivalência e a mobilidade das quantidades ou intensidades dos afetos, como poderia o ódio deixar de aparecer em relações que vem-a -ser na prática analítica?

Winnicott tem o mérito de ser desconcertante. Não só nos fala do ódio na contratransferência, mas também faz uma lista de motivos pelos quais *a mãe odeia o seu bebê*. E odiá-lo não faz com que ela o trate com ódio e crueldade. A explosão incoercível de ódio acontece, como temos a dor de saber, em tragédias da chamada vida real, banalizadas e *desrealizadas* pela TV.

Penso que a História e a literatura permitem o afastamento da *rotina*, que vela o *real*, como nos ensina a Teoria dos Campos. Volto a uma das tragédias shakespearianas. Retomo Macbeth e a fúria que massacra, associada com o narcisismo, embora eu não possa, agora, me deter no tema do narcisismo. Claro que *Macbeth* é uma obra inesgotável. Destaco aqui mínimos momentos, para pensar a respeito do “massacre do outro”. Quem é o outro? (Não vou falar do grande Outro de Lacan, não é o caminho que sigo nesta conversa). Na Escócia, onde a peça se situa, há a nobreza e o há o povo. Aparecem personagens do povo que são do povo sem cidadania, cuja vida é *vida nua*, “excluída da política” (Agamben, 2017, p.35,)uma espécie de povo que, como assinala o filósofo Giorgio Agamben, não deixou de existir nem na época gloriosa da revolução francesa.

Relembrando o enredo: Macbeth é um usurpador. Ele e sua mulher assassinaram o rei e todos os outros que poderiam pleitear o trono. Macbeth planeja e realiza a morte de seus rivais e de suas esposas e descendentes. No desfecho, os nobres que conseguiram escapar, regressam para derrubá-lo e matá-lo. Uma das bruxas que haviam previsto seu futuro dissera a Macbeth que ele só seria derrotado, se o Bosque de Birnam se movesse. Macbeth considerava-se invencível.

O nobre Malcom, que comanda o cerco a Macbeth, sem nada saber desse vaticínio, mas por estratégia, chegando ao bosque, ordena:

“- Que cada soldado derrube um galho e carregue-o à sua frente. Desse modo, estaremos camuflando, na sombra, o exato número de nosso contingente”(Shakespeare, 2000, p.122). Depois de afirmar que todos os súditos se rebelaram contra Macbeth, comenta: “e agora

ninguém o serve, exceto umas coisas constrangidas, uns miseráveis de uns_recrutados, de corações ausentes”(Shakespeare, 2000, p.122).

Logo, um mensageiro vem dizer a Macbeth o que está acontecendo:

“- Estava eu de sentinela no topo da colina, quando olhei para os lados de Birnam e, no instante seguinte, pareceu-me que o Bosque começava a se mover” (Shakespeare, 2000, p.125)

A primeira resposta irada de Macbeth é

“- Mentiroso! Um escravo é o que tu és!”(Shakespeare, 2000,p.125).

Por que, nessa hora, chamar o outro de escravo? Talvez para lembrá-lo de que é um simples *matável*. Com efeito, Macbeth adverte:

“-Se forem falsas as tuas palavras, serás pendurado vivo na árvore que estiver mais à mão, para que a fome encarregue-se de te deixar seco e murcho”(Shakespeare,2000,p.125).

Talvez, em todos os massacres, haja o inimigo nobre, objeto de ódio erotizado, e aquele que nem é inimigo à altura, simples estorvo, que se pune ou elimina pelos meios mais à mão. Malcom e Macbeth são nobres, são iguais. À margem da guerra, esbarram em “umas coisas constrangidas” e escravizáveis.

Macbeth tem ódio de si por não ser suficientemente agraciado pelo destino. Para isto, talvez caiba a expressão de Szondi, tendência de valia ilimitada, ou seja, a furiosa busca narcísica de poder ilimitado reconhecido. E a concomitante incapacidade de encontrar outros motivos para a vida ser vivida, como diria Winnicott. E se só há motivação narcísica, ficamos com a segunda mais famosa frase de personagem shakespeariana, a que é pronunciada por Macbeth:

“Life is but a walking shadow; a poor player, that struts and frets his hour upon the stage, and then is heard no more; it is a tale told by an idiot, full of sound and fury, signifying nothing”(Shakespeare,1995,p.2039).

“A vida não passa de uma sombra que caminha, um pobre ator que se pavoneia e se aflige sobre o palco – faz isso por uma hora e depois não se escuta mais sua voz. É uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria e vazia de significado”(Shakespeare, 2000,p.124).

Referências bibliográficas.

- Agamben, G. (2017), *Meios sem fim: notas sobre a política*, Belo Horizonte, Autêntica Editora.
- Aristóteles. (1993), *Poética*, São Paulo, Ars Poetica Editora .
- Freud, S. (1993), *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores.
- Pontalis, J.-B. (1977), *Entre le rêve et la douleur*, Paris, Éditions Gallimard.
- Shakespeare, W. (1995), in *The complete illustrated Shakespeare vol III*, New York, Platinum Press, Inc.
- Shakespeare, W. (2000), *Macbeth*, Porto Alegre, L&PM Editores S/A.
- Sófocles in *A Trilogia Tebana – Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona* (1993), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.
- Suttie, I.D. (s/d), *As Origens do Amor e do Ódio*, Lisboa, Editora Ulisseia.
- Szondi, L. (s/d), *Cain El Cainismo en la Historia Universal*, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva.
- Winnicott, D.W. (1978), *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S.A.